

sismógrafo

Quarta-feira a sábado / Wednesday to Saturday 15:00–19:00. Rua da Alegria, 416. Porto, Portugal / www.sismografo.org

Apoio Cratêdo
Porto.



dgARTES
DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES

O Sismógrafo tem o apoio: / Sismógrafo has the support of:

Finito

Renato Ferrão
23 Abril – 28 Maio 2022

Aqui no telemóvel é difícil de perceber, mas o que estás a ver é uma imagem do Tom no preciso momento em que perdeu a cabeça, dizia-me o Renato enquanto bebíamos um príncipe na esplanada do Embaixador, ao final da tarde do dia 22 de Março. Chovia. Muito. E sempre que o Renato afastava os dedos sobre o ecrã em mais um movimento de ampliação, as gotículas de água criavam um rasto de deformação, como pequenas lentes irisadas a retalhar o que restava do pobre Tom. Não tenho certeza de o ter dito ao Renato, mas naquele momento lembrei-me do Pedro Miguel Frade e do Espinosa. Do segundo, vinha-me à memória o facto de ter sustentado a sua espantosa contribuição filosófica para o mundo com a magra retribuição que lhe advinha de um *day job* como polidor de lentes. Do primeiro, vinham-me fragmentos avulsos do livro Figuras do Espanto, entre os quais se encontravam a desconfiança generalizada da Idade Média para com a (nova) tecnologia das lentes (algo como, se Deus quisesse que víssemos melhor, ter-nos-ia dado olhos mais poderosos!), a sua sedimentação no período do Renascimento, a sua contribuição para a descoberta do infinitamente pequeno e do infinitamente grande (micro- e telescopia), o seu papel na invenção da fotografia.

Que o Tom tivesse acabado de perder a cabeça naquela imagem era apenas adequado: o “espanto” a que o título do livro do Pedro Miguel Frade aludia estava ligado à crença folclórica do final do século XIX que garantia que a fotografia fazia refém a alma do fotografado. Segundo este credo, a cada retrato corresponderia, portanto, um desalmado, um morto-vivo que inadvertidamente se deixara hipnotizar pelo negro infinito que espreitava do obturador. Aplicando a mesma lógica, depreende-se que, para estes seus primeiros espectadores, a fotografia não poderia ser outra coisa que não a alma plasmada sobre papel, o que a tornava uma espécie de corpo de delito e, simultaneamente, de lugar da reificação dessa essência intangível do retratado na forma de uma miniaturização, a preto e branco, da sua imagem. O “espanto” não foi – pelo menos inicialmente – a expressão de um maravilhamento; o “espanto” foi a expressão de um terror.

Suspeito que não haverá autor algum que se tenha debruçado sobre a fotografia que não se tenha visto inevitavelmente conduzido à questão da morte. A fotografia está sempre no passado, do lado das coisas irrecuperáveis. E ao contrário do que diz Victor Espadinha, recordar não é viver; recordar é experimentar voluntariamente esse estado da morte-viva, é dar espessura ao fantasma. É justo, portanto, que esta exposição se chame *Finito*. Faz sentido que ela apresente imagens de fantasmas e de toda a sorte de desalmados. É curioso que cada uma delas seja uma tautologia velada da própria condição ontológica da fotografia e é irónico que, na forma da sua reprodução perpétua, nenhuma delas chegue a ter corpo nem espessura.

Na verdade, o conteúdo iconográfico destas imagens é o que menos interessa. Do que me tem sido possível acompanhar do percurso do Renato, é frequente vê-lo embrenhado em experiências complexas que procuram muito mais provocar um dado efeito do que criar um determinado objecto. Nos últimos anos, a óptica tem sido o seu campo de investigação predilecto. Lentes, luzes, transparências e motores têm sido os condimentos com que tem ensaiado receitas diversas que visam a possibilidade de

ainda nos maravilharmos com os fenómenos da percepção visual. Neste caso, a tónica está na (também defunta) mecânica da revelação fotográfica. O espanto que procura incitar não pertence a nenhuma imagem em particular: é o espanto do próprio processo, do acontecimento alquímico que faz aparecerem aspectos do mundo sobre o branco mudo de uma superfície.

Claro que o acesso a essa experiência é da ordem da ficção. Estamos no campo da experiência artística, do “como se”. Este não é um laboratório e estas não são fotografias. Os projectores guardam as imagens dentro de si e as aparições não se fixam em lado nenhum. A magia alquímica é emulada por intermédio de um aparato mecânico, programado, sequencial e sincopado, e as imagens que se projetam, na verdade, não interessam. O Renato sabe que as imagens não podem interessar. Sabe que no meio da náusea escópica em que estamos coletivamente mergulhados, as imagens tendem a equivaler-se, a anular o seu poder simbólico, a sua capacidade para significarem. Nem *punctum* nem *studium* – a imagem contemporânea transformou-se na caricatura do seu próprio fluxo. O que interessa é sempre a próxima imagem. É por isso que insistir no mesmo, na repetição infinita do que se apresenta, sobretudo através de imagens que proclamam, de forma tão despretensiosa e tão desprovida de *pathos*, a sua vocação funesta, é um gesto poético. Quase tão poético quanto forjar cuidadosamente o espanto no simulacro de uma revelação.

Bruno Marchand

RENATO FERREÃO (V. N. Famalicão, 1975) é artista visual. Trabalha e reside atualmente no Porto. Expõe regularmente desde 2001 e em diversas ocasiões realizou obras em colaboração com Nuno Hamalho. Entre as suas exposições destacam-se: Senhor fantasma, vamos falar - Emissores reunidos, Fundação de Serralves; Peças de substituição, Espaço Chiado 8; Cascatas e desabamentos, Sismógrafo; Retrato em casa de espanto, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais; Estudo das passagens, Ano 0 / Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra. Em 2003, foi membro fundador do espaço Salão Olímpico e, em 2011, foi-lhe atribuído o prémio de artes plásticas União Latina. Na sua obra mais recente, tem vindo a apresentar instalações onde a luz e o movimento assumem um papel preponderante.

Finito, 2022

Dispositivos ópticos, materiais diversos
Dimensões variáveis

A) *Finito – Damaged head photo*

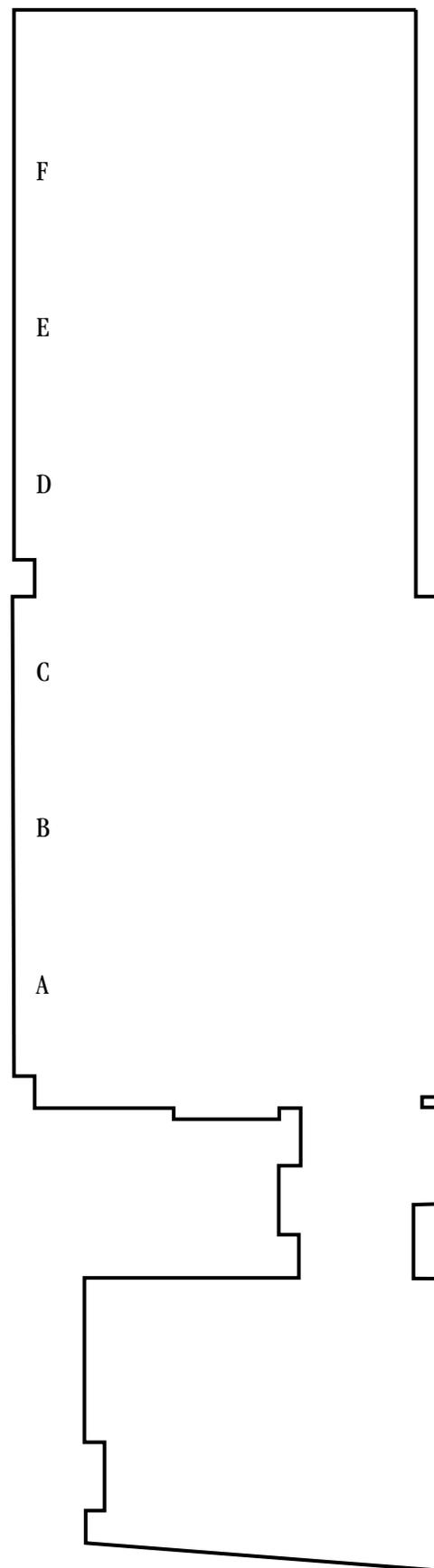
B) *Finito – Checking lens*

C) *Finito – It must be dark*

D) *Finito – O positivo, o negativo*

E) *Finito – Cloudy days are perfect*

F) *Finito – Body and lens*



Atividade
Para-funcionalidades
com Carlos Mensil

Sábado, 14 Maio 10:00–13:00

Participação gratuita
Inscrições: publicos@sismografo.org
Lotação limitada

“Finito”, de Renato Ferrão, é o ponto de partida de “Para-funcionalidades”, um workshop levada a cabo pelo artista plástico Carlos Mensil. Foi desde muito cedo que Carlos descobriu o prazer de brincar com as propriedades físicas, químicas e mecânicas da parafernália de objetos a que tinha acesso na oficina do pai. Nesta atividade, traz consigo elementos que tem vindo a explorar nos seus trabalhos desde então: motores, válvulas, bombas de água, mangueiras, potenciómetros, transformadores, lâmpadas, diferentes tipos de lentes de ampliação... De origem industrial, estes objetos são, por definição, reproduções intermináveis uns dos outros, e a sua funcionalidade leva-os, normalmente, para caminhos longe do campo da arte. Aqui, depois de uma visita guiada à exposição de Renato Ferrão, os participantes descobrirão as propriedades de cada componente, procurando a potencialidade transformativa ou expressiva de cada um. De forma inesperada, os objetos retornam a uma certa funcionalidade e, por ventura, tornam-se arte.

CARLOS MENSIL (Santo Tirso, 1988) é artista plástico, vive e trabalha no Porto. Licenciado e mestre pela FBAUP, expõe regularmente desde 2012 e é membro co-fundador do colectivo independente Campanice. É representado pela NO-NO Gallery (Lisboa).

Finito, Renato Ferrão

Texto: Bruno Marchand
Tradução e revisão: Susana Camanho
Produção e Montagem: Rita Senra, Pedro Huet
Design: Macedo Cannatà
Programa público: Sara Rodrigues, Rodrigo Camacho
Programa editorial: Maria João Macedo
Agradecimentos: António Sequeira Lopes

A equipa do Sismógrafo é composta por: Emídio Agra, Rodrigo Camacho, Susana Camanho, Pedro Huet, Maria João Macedo, Hernâni Reis Baptista, Irene Rodrigues, Sara Rodrigues, Rita Senra e João Pedro Trindade.